

# A TORRE

Flávio de Lemos Carsalade<sup>(\*)</sup>

Quando CARL GUSTAV JUNG construiu a sua casa em Bollingen, ele estava cumprindo um ritual tão intimamente ligado ao homem que até parece uma ordem genética na nossa espécie. Referimo-nos à maneira como JUNG o fez: *"Necessitava representar meus pensamentos mais íntimos e meu saber na pedra, nela inscrevendo, de algum modo, uma profissão de fé"*.<sup>(1)</sup> Esse rito de construção que confere significado à pedra certamente diz respeito à Arquitetura, podendo ser inclusive a sua própria definição.

No espaço indiferenciado do mundo é inerente ao homem a escolha de um lugar seu, onde se realize (realizar nos dois sentidos, inclusive, de tornar-se concreto). Este lugar natural, no entanto, só se torna pessoal, um mundo particular, quando é recriado. Deste ponto de vista, toda construção é uma consagração, uma experiência individual.

Convém lembrar que mesmo aqueles que apresentam uma postura materialista diante do mundo não conseguem mantê-la o tempo todo: mesmo a eles, o lugar do primeiro amor ou a terra em que nasceram, por exemplo, assumem um caráter sagrado. Sem esta postura de reverência e identidade com o lugar onde se habita, não se funda o mundo particular.



No I-CHING, o hexagrama  (TA-CHUANG, o poder do grande) traz uma curiosa semelhança com a arquitetura da casa, significando um espaço forte, protegido, tendo acima trovão e chuva. O trigrama

<sup>(\*)</sup> Arquiteto, professor da Escola de Arquitetura da UFMG.

<sup>(1)</sup> Os dizeres de Jung são do capítulo "A torre", p.196-211, do livro *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

superior CHEN (trovão) significa também madeira e, como filho mais velho, a viga-mestra do alto. O telhado inclinado, imagem cultural forte da casa, é expresso pelas duas linhas maleáveis do hexagrama. O I-CHING considera que os homens se inspiraram neste hexagrama para construir as primeiras casas. Ele indica uma época em que os valores internos ascendem vigorosamente e alcançam o poder. Poder que está no fundar o próprio mundo, construindo-o, diferenciando-o da natureza ao redor.

Partindo da motivação básica de apoiar em terra firme os conteúdos do inconsciente, Carl Gustav Jung repetiu a necessidade humana básica de se tornar concreto sobre a terra, de nela existir e criar o seu refúgio e referência pessoal. Veremos como a casa se conformou ao longo do tempo em profunda sintonia com as transformações pessoais de Jung e ligada às idéias arquetípicas relacionadas com a "casa".



Bollingen. "A torre" em 1923, em seu primeiro estágio.  
JUNG, C. G., *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 201.

I

*"No princípio não pensei em fazer uma verdadeira casa, mas apenas uma construção de um andar com lareira no centro e beliches ao longo das paredes, à maneira das moradas primitivas". (1923: Casa térrea, Circular, fogo no centro).*

JUNG partiu da certeza de que precisava construir à beira d'água, no caso, à margem do lago superior de Zurique. É tão difícil separar esta decisão da idéia simbólica da água ligada ao inconsciente e à fonte, quanto é difícil separar o espírito de uma obra de arquitetura do lugar onde ela se estabelece. O edifício cria canais de comunicação tão íntimos com o lugar que parecem gerar uma parceria há muito esperada.

Neste lugar, então, JUNG materializa a idéia arquetípica da casa como centralidade, espaço que "condensa" um sentimento de pertinência e refaz talvez a primeira concretização humana do "espaço do lar": a reunião em torno do fogo. A construção circular é a construção do corpo aconchegante que protege o fogo, o espírito. Neste forte símbolo de totalidade, JUNG reconstrói o útero materno, a casa como mãe, como nosso lugar no mundo, para onde retornamos e aonde nos protegemos. A casa é o centro do mundo. *"Constituída como que uma morada materna"*.

A história da Arquitetura é rica em exemplos de casas circulares, presentes nas mais diversas culturas e lugares, seja nas tribos indígenas americanas, seja na China ou no Ártico. Era essa a morada que Jung queria construir: "Uma morada que correspondesse aos sentimentos primitivos do homem". No entanto, ele percebe que a casa se tornara excessivamente primitiva e, se considerarmos a riqueza mental de seu morador, torna-se compreensível o acréscimo de um segundo andar ao plano inicial, fazendo com que a habitação assumisse uma forma de torre.

A torre marcava com mais força o eixo vertical que corresponde à postura humana sobre a terra e evidenciava a linha que reúne os três mundos (o subterrâneo, a superfície e o céu) e, como na casa primitiva chinesa, o teto para a fumaça, o solo para a chuva.

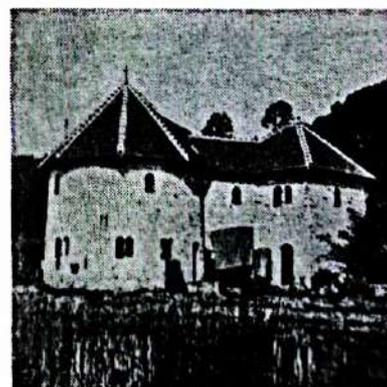
Sem o perceber, JUNG construía a sua morada como que utilizando a *geomancia*.<sup>(1)</sup> A torre completa a imagem do cosmo humano e se soma à imagem feminina da casa, criando uma correspondência do cosmo pessoal de Jung ao universal.

A torre de Bollingen desperta em seu morador os sentimentos de repouso e renovação, como na canção de PAUL SIMON (Homeward Bound): "Home, where my thought's scaping, where my music is playing, where my love lies (novamente feminino) waiting silent for me".

## II

*"Lembrei-me das casas hindus, nas quais existe quase sempre um aposento (ainda que apenas um canto de quarto, isolado por uma cortina), lugar de retiro em que se medita cerca de meia hora ou quinze minutos, e onde se pratica exercícios de ioga". (JUNG, 1927: Acréscimo de uma construção central em forma de torre e 1931: reconstrução do apêndice em forma de torre).*

O sentimento de "falta de algo" em relação à configuração inicial perseguiu JUNG e o fez acrescentar à construção inicial outros espaços. O crescimento pessoal se impunha à idéia primitiva de casa, e em 1931,



Bollingen. "A torre" em 1927, aumentada por uma parte central e um anexo em forma de torre. JUNG, C. G., *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 202.

(1) Geomancia: Determinação das influências que permitem ao homem viver em harmonia com o seu quadro natural e em consequência, em harmonia com o céu.

JUNG reserva um aposento para si como um cômodo de retiro e meditação. A casa, como o corpo, cresceu e quando a sua escala ultrapassa a relação intimista original, surge a necessidade de se criar um lugar com escala apropriada para a sede do espírito ou "cofre do fogo da vida" da casa: JUNG fecha o quarto, só ele tem a chave. Aí, pinturas diversas nas paredes exprimem tudo o que conduz da agitação do mundo à solidão, do presente ao intemporal.

Se observarmos a casa através da metáfora corporal que ela tantas vezes assume, podemos entender o quarto como sede do pensamento, e para tanto não poderia se situar em outro lugar que não no andar superior. Referências a esta situação encontramos sob diversas formas:

- Na filosofia, quando GASTON BACHELARD (1981) compara a casa ao ser interior e corresponde os seus andares, porão e sótão aos diversos estados da alma. JUNG pinta as paredes e estas pinturas são exatamente o correspondente ao que cada um de nós fazemos nas nossas próprias moradas ao pintarmos as paredes com nossas cores prediletas, dependurarmos nossos quadros, ou instalarmos as peças de nossas recordações. Estamos individualizando o nosso espaço, tomando posse desta porção do território terrestre: o sentimento de posse se fortalece ao se pintar e decorar as paredes, manipulando e alterando o entorno que nos rodeia.
- Na história da arquitetura, para citar apenas um exemplo, a residência tibetana, a casa de seis janelas, é confundida com o corpo e seus seis sentidos.
- Na psicanálise, o pensamento é a sede da alma, daí o quarto no alto da torre. Cabe aqui a referência que a psicanálise faz ao exterior da casa como "máscara" e a curiosa preocupação que a maioria das pessoas que procura o arquiteto tem com a fachada, antes como projeção de valores que gostaria de ter diante da sociedade (relacionados com o superego), do que daqueles que efetivamente possui.

De qualquer ponto de vista, o que percebemos é uma intrigante presença da casa dentro da casa, a casa como corpo, refúgio do mundo e o quarto como refúgio dentro da casa, o que remete à imagem do corpo como morada do espírito.

## III

*"Necessitava de um espaço mais vasto, aberto para o céu e para a natureza. Quatro anos haviam passado. Acrescentei um pátio e uma loggia do lado do lago, que constituem a quarta parte do conjunto, separada das três outras do complexo principal. Nasceu assim uma quaternidade, quatro partes da construção diferentes, construídas ao longo de doze anos".*  
(1935: Pedaco de terra cercado: pátio + loggia)

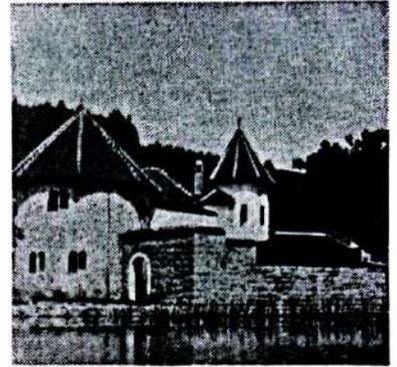
Passado um primeiro momento de forte identidade entre a casa e seu próprio corpo, quando Jung praticamente criara uma imagem pessoal em pedra, ele sente outras necessidades, quais sejam: a vastidão e a abertura para o mundo. Nos termos de arquitetura, impunha-se a necessidade de um espaço de transição, o espaço-ponte entre o "eu" fechado, o corpo, e a natureza, a extensão do si mesmo e a abertura para o mundo.

Este espaço aberto particular deve ser bem definido para não ser confundido com a natureza indiferenciada e perder sua força de "pertencer". O espaço aberto do homem, o vazio que tem significado deve necessariamente trazer a noção do limite.

O pátio tem, historicamente, resolvido esta questão na arquitetura. ORTEGA e GASSET, referindo-se a ele como *"esta espécie de campo menor e rebelde... se libera do entorno"* e cria o espaço aberto pessoal, a representação do Éden, como na casa árabe tradicional.

A quaternidade a que JUNG se refere com tanta ênfase não é apenas um resultado acidental como pode parecer, mas é arquétipo do espaço humanizado, ou da presença do homem no mundo, que a casa tão bem concretiza. O Iurte Mongol, inicialmente circular, torna-se quadrado à medida que se faz a fixação espacial do seu povo, inicialmente nômade.

É interessante constatar que a versão inicial da casa de Bollingen seja circular em um momento em que JUNG estivesse mais preocupado com sua interioridade e, à medida que ela interage mais com o lugar físico, aparece a necessidade da loggia e a casa se torna quaternária. O Ming-T'ang chinês (a "casa de calendário" ou "sala da luz") talvez tenha sido também circular no início, mas sua forma final é "quadrada como a



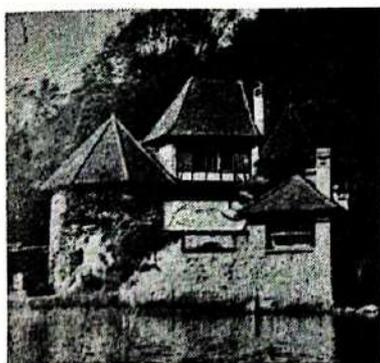
Bollingen. "A torre" em 1935, religada a uma segunda torre, por um pátio e por uma loggia. JUNG, C. G., *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 203.

terra". A edificação tem quatro lados voltados para as quatro estações, cada lado com três portas, num total de doze portas, correspondendo ao zodíaco ("quatro partes da construção diferentes construídas em doze anos"). A composição da planta do Ming-T'ang é de cinco salas em cruz ou com nove salas, como as províncias. É coberto com telhado de palha redondo como o céu, apoiado por oito pilares que correspondem aos oito ventos e aos oito trigramas, de acordo com a geomancia chinesa. A circulação do imperador aí dentro assegura a ordem do universo, conformando-a à ordem celeste.

A casa é, em primeira instância, a imagem do universo. Em um segundo momento, a imagem do universo pessoal. A postura de JUNG na casa parece com a do imperador do Ming T'ang. Na casa, ele precisa "se entender" e entender a ordem celeste:

*"Por outro lado é difícil saber se tais problemas são de natureza pessoal ou de natureza geral (coletiva)", e mais adiante: "enquanto não é reconhecido como tal, um problema coletivo toma a forma pessoal e provoca, ocasionalmente, a ilusão de uma certa desordem no domínio da psique pessoal".*

#### IV



Bollingen. "A torre" em 1923, em seu primeiro estágio. JUNG, C. G., *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 204.

*"Depois da morte de minha mulher, em 1955, senti a obrigação interior de tornar-me tal como sou. Na linguagem da casa de Bollingen, descobri de repente que a parte central da construção até então muito baixa e presa entre as duas torres, me representavam, ou mais precisamente, representavam meu próprio eu". (1955: Elevação da torre central).*

A casa aparece como representação do "si-próprio", a própria concretização do processo de individualização e a identificação casa-pessoa surge como representação do desenvolvimento da consciência. A imagem da casa relacionada com a imagem de seu morador faz com que ela funcione como uma projeção do mundo psicológico do seu "dono". A elevação da torre central, se realizada antes, pareceria a JUNG uma afirmação presunçosa de si mesmo.

Esta identidade moradia-habitante, já mencionada sob outras formas no presente artigo, aparece então como importante função psicológica do nosso assentamento no mundo. Pena que isto seja escamoteado tantas vezes sob a máscara da auto-afirmação pessoal ou como repetição

do gosto coletivo, sobrepujando as reais necessidades pessoais em função de ser bem aceito no gosto da sociedade. Observa-se que a "originalidade" faz parte dos rótulos sociais perseguidos e passa a ser meta dos usuários ou dos clientes dos arquitetos. Curiosamente, a "originalidade" perseguida não se estabelece na "origem" pessoal, mas em uma suposta originalidade nascida na moda vigente, o que faz com que a observação do arquiteto JOSÉ EDUARDO FEROLLA se verifique tantas vezes na prática: "*Muitos clientes me procuram dizendo que querem uma casa bem diferente do que aí está; quando começam a descrevê-la percebo que é exatamente igual a todas as outras*".

Falando de origens, vamos escutar a JUNG novamente: "*Desde o início a torre foi para mim um lugar de amadurecimento – um seio materno ou uma forma materna na qual podia ser de novo como sou, como era e como serei*". A casa junguiana era um mergulho no silêncio, sem luz ou água corrente, "*in modest harmony with nature*".

## V

*"Ocorreu-me imediatamente uma estrofe latina do alquimista Arnaud de Villeneuve (morto em 1313). Resolvi esculpi-la na pedra, a tradução é esta:*

*Eis a pedra de humilde aparência  
No que concerne ao valor, pouco vale  
Desprezam-na os tolos  
E por isso mais a amam os que sabem".*

(1950: Monumento em pedra simbolizando o que a torre representava a Jung).

A partir de uma pedra que veio fora das dimensões especificadas para o muro de separação do jardim, Jung gerou um monumento em homenagem à casa. Na pedra, densa e centrípeta, se repete a ação da própria morada: condensar os significados relativos à alma de seu habitante.

O monumento concretizador organiza mesmo o vazio do pátio, gerando uma referência espacial importante e completando a estruturação espacial do lugar.

Ao simbolismo dos elementos que, como pedra, povoam o espaço ge-

rado pelas construções, somam-se outros, os ícones heráldicos da família de JUNG: a cruz e as uvas, símbolos respectivamente do espírito celeste e do ctônico. Embora não ligados por uma relação causal, é curioso observar como a própria casa humana incorpora estes espíritos. Segundo CHRISTIAN NORBERG-SCHULZ, a Arquitetura se estabelece a partir do que se eleva (fachada-elemento vertical-espírito celeste) e do que se assenta (base-planta-espírito ctônico) e é nesta dialética que a Arquitetura completa o seu significado.

A família, no entanto, tem outras relações com a casa junguiana: lá aparecem além de seus questionamentos pessoais, uma forte relação com os mortos, na consciência de que a construção lhe sobreviveria e continuaria a sua história familiar, como se aquela torre fosse o corpo genérico de sua própria família ou da sua "causa" a ser defendida neste mundo. "É como se uma grande família silenciosa, ao longo dos séculos, povoasse a casa". A torre de Bollingen, como a casa do homem, passa a ser também o seu legado sobre a terra.

## VI

*"Somente mais tarde percebi o que tinha nascido e a forma plena de sentido que disso resultava, símbolo da totalidade psíquica".*

A construção da torre de Bollingen se deu em partes, obedecendo unicamente às necessidades pessoais concretas do momento, sem que as relações interiores tenham sido objeto de reflexões racionalizadoras. A casa de JUNG incorporou, como nas nossas próprias, a sua história pessoal contada nas suas reformas e seus objetos. Porque circular? Pela forte referência à mãe. Por que torre? Pela forte relação com o espaço existencial do homem, sua postura, sua verticalidade, seu domínio, sua diferenciação, sua unicidade.

A casa de Jung é uma casa extremamente pessoal em sua elaboração, sua construção pedra a pedra. Mas é, ao mesmo tempo, uma casa extremamente universal nos conteúdos por ela incorporados. Se por um lado é poética na sua forma e conteúdo, por outro é uma lição de Arquitetura, ou pelo menos, de postura reverenciada diante do fato arquitetônico.

Às nossas casas deveríamos dizer como à sua disse JUNG:

*"Para terminar, coloquei em latim sob a sentença de ARNAUD DE VILLENEUVE: "Como lembrança de seu septuagésimo-quinto aniversário. C.G. Jung a executou e erigiu em testemunho de reconhecimento, no ano de 1950"."*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Ceula, 1981

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius Loci, towards a phenomenology of architecture*. New York: Gustavo Gili, 1987.

